

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Jornal
30.Abril.2016
Artigo
Exposição Individual

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

O Globo
Segundo Caderno
Nani Rubin
COD.IM.00002.2016

Sábado 30.4.2016

| Segundo Caderno |

o GLOBO | 3

Ivens Machado

UMA OBRA SINGULAR

Museu de Arte Moderna inaugura hoje exposição em homenagem ao artista, reunindo 16 obras de sua trajetória



"Mapa mudo".
A obra feita em 1979,
durante o regime militar,
retrata o Brasil em
concreto e vidro

DN/10/2016

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Jornal
30.Abril.2016
Artigo
Exposição Individual

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

O Globo
Segundo Caderno
Nani Rubin
COD.IM.00002.2016

NANI RUBIN

nani@oglobo.com.br

Foi em 1973, durante a ditadura militar, que Ivens Machado começou a despontar no cenário brasileiro das artes visuais. Então com 29 anos, o catarinense que se mudara em 1964 para o Rio venceu o V Salão de Verão do Museu de Arte Moderna, com a instalação “Cerimônia em três tempos”. A obra reproduz uma ambiente de açougue, asséptico, com três grandes pias-mesas de azulejos brancos, duas inclinadas sobre o chão. Uma grande peça de carne feita em resina pende de um dos três ganchos pendurados. Tudo ali recende a violência. Mais de 40 anos depois, a obra continua a provocar quem a vê. Disposta no Salão Monumental do MAM, a apenas alguns metros de onde foi exibida em 73, ela faz parte da exposição “Ivens Machado”, que será inaugurada hoje, às 15h.

A mostra homenageia o artista morto em 12 de maio de 2015, reunindo 16 trabalhos, alguns deles emblemáticos de sua trajetória.

— “Cerimônia em três tempos” é aparentemente um açougue, mas podia ser uma câmara de tortura. E isso em pleno

governo Médici — observa o curador Fernando Cocchiarale, referindo-se a um dos períodos mais pesados da ditadura militar no Brasil.

Outra obra na mostra também traz referência ao que se vivia então no país: “Mapa mudo” (1979), um mapa do Brasil em concreto, sobre o qual o artista cravou cacos de vidro verde, como uma metáfora dos tempos de perigo e isolamento (ele se inspirou nos muros das casas sobre os quais os moradores fincavam os vidros quebrados).

— Existem artistas cujas trajetórias estão ligadas a questões compartilhadas por vários outros artistas, como Hélio Oiticica, ou as Lygias (*Clark e Pape*) — diz Cocchiarale. — Outros artistas têm trajetórias à parte dos *ismos*, mais pessoais, mais singulares. O Ivens faz parte desse segundo grupo: era muito intuitivo, não intelectualizado. Acho que ele vivia isso como uma angústia, uma tensão até produtiva no seu trabalho.

POLITIZAÇÃO EM ESFERA “MICRO”

A maior parte das obras na mostra, como a instalação e a peça citadas, é da Coleção Gilberto Chateaubriand/MAM, mas há também peças do Acervo Ivens Machado, criado recente-

Mídia
Data/Edição
Categoria
Evento

Jornal
30.Abril.2016
Artigo
Exposição Individual

Veículo
Seção
Autor
Catalogação

O Globo
Segundo Caderno
Nani Rubin
COD.IM.00002.2016

mente para catalogar, manter e divulgar as obras do artista. São do acervo, por exemplo, os trabalhos em cadernos, que ele começou a fazer na década de 1970. Ivens pegava cadernos lisos, sem pauta, e desenhava, a lápis ou nanquim, as linhas perfeitas. Às vezes uma linha se partia, quebrando a ordem perfeita do sistema. Num segundo momento, deixou de representar ele mesmo as pautas e passou a interferir nos cadernos na própria impressão destes, na gráfica.

— A pauta te obriga a andar na linha, não é? Aqui ele está vetando a linha — diz Cocchiarale.

Com a série “Fluidos corretores”, ele passou a fazer desenhos em que criava sistemas gráficos em função da correção e da falta de correção, com o líquido rosa que se usava no estêncil.

A maior parte das obras na mostra é de esculturas em que misturava vários materiais usados na construção civil, como cimento, vergalhões e madeira, caso de “Tapete” (1979) ou “Mesas” (1996). Muitas vezes, o aspecto bruto do material contrasta com a sensuali-

“

“O Ivens era muito intuitivo, não intelectualizado. Acho que ele vivia isso como uma angústia”

Fernando Cocchiarale
Curador do MAM

dade e o erotismo das formas, caso de “Consolador” (1979), também na exposição do MAM, que dá destaque a uma das facetas pelas quais Ivens é muito celebrado: a videoarte, da qual foi um dos pioneiros no Brasil. Ele começou a realizar vídeos em 1974, e costumava aludir a sexualidade e violência. A exposição traz apenas um desses trabalhos, mas com grande destaque. Um deles, “Encontros e desencontros” (2008), concebido por Ivens e codirigido por Samir Abujamra, será projetado numa extensão de 12 metros da parede. O vídeo começa com homens andando numa passarela de pedestres da extinta Perimetral, abaixo do nível do carros, para evoluir mostrando homens nus, pendurados em cordas que balançam como pêndulos, provocando o encontro dos corpos.

— A politização do Ivens se dava mais nessa esfera micro, do que diz respeito ao comportamento, à repressão e à violência — diz o curador. ●

“IVENS MACHADO”

ONDE: Museu de Arte Moderna – Av. Infante Dom Henrique 85, Aterro (3883-5600) **QUANDO:** Ter. a sex., das 12h às 18h; sáb., dom. e fer., das 11h às 18h. Até 26/6.

QUANTO: R\$ 14 (dom., ingresso família, para até 5 pessoas, a R\$ 14) **CLASSIFICAÇÃO:** Livre